

## CRESCEM 68% AS FALSAS AMEAÇAS DE BOMBA EM AEROPORTOS E VOOS NO BRASIL EM 2025, APONTA ANAC



### NO DIA ANTERIOR,

uma ocorrência ainda mais complexa levou ao cancelamento do voo AD 2818, da Azul, que partiria de Curitiba (PR) com destino a Guarulhos (SP). Um passageiro afirmou falsamente que havia um explosivo a bordo, desencadeando o protocolo de segurança mais rigoroso adotado para esse tipo de situação. A Polícia Federal isolou a aeronave, determinou o desembarque de todos os 170 ocupantes e realizou varredura completa no avião, bagagens e área de embarque. O aeroporto precisou reorganizar posições de pátio, reavaliar rotas de taxi e redirecionar operações — um esforço logístico que se estendeu por horas.



### CASOS RECENTES

em Salvador e Curitiba ilustram tendência nacional; protocolos exigem mobilização de PF, Bope, equipes aeroportuárias e reconfiguração da malha aérea, mesmo quando a ameaça é infundada

### A MANHÃ DE 31 DE OUTUBRO

no Aeroporto de Salvador (BA) foi marcada por tensão e interrupções operacionais. Parte do terminal precisou ser isolada após a suspeita de um artefato explosivo nas dependências do aeroporto. Embora a ameaça não tenha se confirmado, o episódio provocou atrasos, mobilizou equipes de segurança e afetou a rotina de centenas de passageiros — um retrato fiel do cenário que vem se tornando cada vez mais comum na aviação brasileira.

De acordo com normas como a CIRCEA 100-56 e a ICA 63-12, documentos que orientam a atuação do sistema de controle do espaço aéreo brasileiro, qualquer suspeita envolvendo explosivos exige resposta imediata e coordenada entre diversos órgãos.

A cadeia de ações envolve torre de controle, centro de controle de área (ACC), Centro de Gerenciamento da Navegação Aérea (CGNA), operadores de aeródromos, operadores aéreos, Polícia Federal, Bope e órgãos de segurança locais. A prioridade é clara: proteger vidas e evitar qualquer possibilidade de risco, ainda que a ameaça pareça improvável no primeiro momento.

# EFEITO DOMINÓ: ATRASOS, CANCELAMENTOS

centenas de passageiros afetados

## Segundo o superintendente

de Infraestrutura Aeroportuária da ANAC, Giovano Palma, as consequências vão muito além do transtorno imediato. “Essas falsas comunicações mobilizam Polícia Federal, Bope e equipes de segurança aeroportuária, e provocam atrasos em cadeia no sistema aéreo. No caso de Curitiba, por exemplo, cerca de 400 pessoas foram diretamente afetadas, incluindo quem aguardava o avião no destino. Isso mostra o tamanho do impacto de uma ‘brincadeira’ que, na verdade, é crime”, afirma.

Cada evento desse tipo pode alterar a malha aérea nacional, que funciona de forma altamente interdependente. Uma aeronave que fica parada por horas não afeta apenas aquele voo, mas compromete conexões, tripulações, escalas de manutenção e disponibilidade de slots em aeroportos movimentados.



## Um problema que exige responsabilização e educação

Para especialistas, o avanço das falsas ameaças reforça a urgência de campanhas educativas e de maior rigor na aplicação das penalidades. Cada mobilização envolve dezenas de profissionais, altera a operação de aeroportos inteiros e, sobretudo, consome recursos que deveriam estar focados na prevenção e resposta a situações reais.

Enquanto a aviação brasileira busca equilíbrio entre eficiência e segurança, a recorrência desses episódios demonstra que a ignorância e o comportamento imprudente de poucos ainda têm grande poder de causar prejuízos a muitos.

Na sua organização, as lições aprendidas com eventos anteriores (falsas ameaças, objetos suspeitos, abandonos de bagagem, condutas incomuns) são realmente transformadas em ajuste de processo, ou apenas arquivadas como registros?

A legislação brasileira é clara: comunicar falsamente a existência de explosivo é crime, com pena de dois a cinco anos de reclusão, além de multa e responsabilização pelos prejuízos operacionais e financeiros causados. Em casos envolvendo aviação, os danos podem alcançar cifras milionárias.